



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1458

O ensino da pré-história do Paraná nas escolas estaduais

Cezar Felipe Cardozo Farias (UEM)
Caio Cezar Inacio dos Santos (UEM)

Resumo: A presente comunicação objetiva apresentar a nossa proposta de ensino da pré-história do Paraná nas escolas estaduais, tomando como referência o projeto desenvolvido junto ao Colégio Estadual Antonio Diniz Pereira, na cidade de Ivaiporã/PR. Essa atividade faz parte do PIBID. Estamos aplicando este projeto nos períodos de contraturnos, com o intuito de ampliar o conhecimento dos alunos sobre a História do Paraná, já que esta temática específica (a pré-história do Paraná) é pouca ou quase não trabalhada em sala de aula. Mesmo com a Lei 13.381/01 que torna obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual, os conteúdos de História do Paraná, essa demanda não consegue ser cumprida, causando aos alunos a carência de tais conteúdos.

Palavras-chave: História do Paraná. Pré-história; Ensino; Pibid.

Financiamento: Capes/Pibid.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a temática da Pré-história do Paraná, uma das temáticas trabalhadas dentro projeto de ensino de história do Paraná do curso de História da UEM Campus Regional de Ivaiporã no Colégio Estadual Antônio Diniz Pereira da cidade de Ivaiporã/PR temos como agencia financiadora o Conselho Nacional de Ensino e Pesquisas – Capes, que possibilita o desenvolvimento deste projeto.

A ideia deste trabalho surgiu em uma de nossas reuniões onde um dos componentes do grupo o participante Caio Cezar Inácio dos Santos colocou em questão a História do Paraná, de que esta não seria trabalhada em sala de aula e que ele assim como nós, os outros integrantes do grupo, também não o vimos em sala de aula enquanto frequentávamos os anos finais do Ensino Fundamental e Médio.

Ao colocarmos está questão, pensamos então que poderíamos fazer pequenas intervenções de 10 à 15 minutos nas aulas de História do supervisor do

grupo, o professor Geraldo José Bueno para colocarmos estas questões referentes à História do Paraná, mas ao discutirmos isto pensamos melhor e observamos que se oferecemos em períodos contratuais e estendêssemos o horário de 10 à 15 para 50 minutos, a cada uma das temáticas a serem trabalhadas haveria uma melhor compreensão e problematização de tais conteúdos.

Ao apresentarmos a proposta do projeto de ensino em outra reunião agora com o coordenador do projeto o professor Angelo Aparecido Priori, ele demonstrou um grande interesse e expectativas acerca do trabalho. Apresentamos então alguns pontos, temas a serem trabalhados dentro deste projeto de ensino, e escolhemos então 10 deles sendo o primeiro deles sobre a Pré-história do Paraná algo que todos concordaram que não se é visto em sala decorrente de começarmos a história do Brasil com a chegada dos europeus à América.

Mas para dar início a este trabalho era necessário antes termos em quem aplicá-los, portanto os alunos. Depois dos detalhes acertados marcamos uma apresentação do referido projeto no Colégio Estadual Antônio Diniz Pereira com a turma do 9º ano, turma essa que de acordo com o professor Geraldo José Bueno não possuía nenhuma atividade nos períodos contratuais, e que este projeto seria uma maneira para compensar esta turma.

Ao chegarmos na sala de aula encontramos uma turma cheia, a aula do professor Geraldo José Bueno eram as duas últimas após o intervalo e eles estavam afoitos, mas logo que ele entrou houve-se um silêncio demonstrando o respeito que os alunos têm por ele. Nos apresentamos, neste dia estavam presentes a participante Ana Paula Mariano dos Santos e os participantes Alef Guilherme Zangari da Silva, Cezar Felipe Cardozo Farias, Caio Cezar Inácio dos Santos e João Guilherme Isrrael Ferreira. Começamos então a falar sobre a proposta do projeto de ensino do qual explicamos da importância para eles deste projeto, e ressaltamos a lei 13.381/01 que torna obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual, os conteúdos de História do Paraná e que esta demanda não conseguia ser cumprida devido a redução da carga horária da disciplina de história. Os alunos nos ouviram mas não demonstraram um grande interesse em nossa proposta, houve então uma pequena intervenção do professor Geraldo onde ele reforçou os pontos e questões que havíamos colocado e por último deu como incentivo a atribuição de

40% da nota bimestral para quem participasse do projeto e os demais que optassem em não participar teriam de desenvolver trabalhos referentes a estes conteúdos para compensar esta nota. Vemos então uma mudança em suas faces, um olhar de entusiasmo, nos despedimos e marcamos nosso primeiro encontro para a semana seguinte ao qual se origina este trabalho.

O primeiro dia da “aula do Pibidi” assim como tem chamado os alunos que a estão frequentando foi no dia 09 de julho de 2015, neste dia contamos com a presença do professor Geraldo José Bueno da participante Ana Paula Mariano dos Santos e dos outros participantes Alef Guilherme Zangari da Silva, Cezar Felipe Cardozo Farias e Caio Cezar Inácio dos Santos além da presença dos alunos.

A temática era a Pré-história do Paraná, nela optamos por começar o trabalho com a chegada do homem na América e suas origens que de acordo com Mota, (2011, 2012) temos hoje em dias debates intensos sobre a origem humana no continente americano, aceitamos hoje a ideia que o homem não se originou do nosso continente. O homo sapiens teve suas origens no continente africano há aproximadamente 100 mil anos atrás e em um dado momento migrou para o nosso continente. Sobre sua vinda alguns afirmam que estas levas populacionais atravessaram o estreito de bering na América do Norte, outros acreditam que vieram das ilhas do pacífico, navegando do oeste para o leste chegando na América central e do sul, e ainda temos os que defendem a tese de que as levas migratórias pelo extremo sul do continente, que chegaram à Terra do Fogo vindos da Austrália e da Nova Zelândia. (MOTA, 2011, 2012).

Em relação ao período de sua chegada Mota, (2011, 2012) nos diz que sobre isso há um longo debate pois existem autores que defendem a tese que o homem chegou a América há mais de 300 mil anos atrás, mas as datações dos vestígios encontrados até então apontam para 12 mil anos atrás a tese mais aceita por grande parte dos pesquisadores.

De acordo com Mota, (2011, 2012) A região do Rio da Prata é habitada por diferentes grupos há cerca de 11 mil anos pelo menos, e a região onde se encontra o Paraná foram encontradas datações que remetem até 9 mil anos atrás.

Tivemos então no Paraná 2 levas populacionais antes da chegada do europeu em nosso continente. Segundo Mota, (2011, 2012) a primeira leva, as populações

indígenas, que datam de 12 mil a 3 mil anos atrás seriam denominadas caçadores coletores pré-ceramistas, as tradições Humaitá, Umbu e Sambaqui.

A tradição Humaitá como nos traz Mota, (2011, 2012) não deixaram descendentes que conheçamos historicamente, sabe-se até então que eles ocuparam os estados do sul do Brasil e também países vizinhos como Paraguai e Argentina. As características dessa tradição se dá por ela ter sido do tipo bando onde se tinha grupos de 40 até 60 pessoas e esses grupos viviam dentro de amplos territórios. Sua fonte de subsistência se dava através da caça, pesca e coleta e também fontes vegetais. As habitações desta tradição poderiam ser desde uma simples meia água até casas mais elaboradas feitas com madeiras, cobertas por folhas de palmáceas ou palhas e também podiam se abrigar sob as rochas.

Os vestígios que essa tradição deixou consiste em materiais líticos feitos de pedra devido como ferramentas para polir, moer, pilar etc. a grande parte dos objetos produzidos por eles provavelmente eram de materiais perecíveis que com o passar do tempo foram consumidos.

A tradição Umbu segundo Mota, (2011, 2012) também não deixaram descendentes. Os vestígios que temos desta tradição são as pontas de projéteis e resíduos de lascamentos que podem ser encontrados em diversas regiões do sul e em do Brasil São Paulo e também nos países vizinhos. Uma das características desta tradição é que ela ocupava regiões que preferencialmente se encontravam na maior altitude dos planaltos do Paraná, mas também há vestígios desta tradição nas margens dos rios Iguaçu e também ao longo do rio Ivaí.

Os sambaquis conhecidos também como pescadores/coletores de acordo com Mota, (2011) e Lima, (1999-2000) foram responsáveis por ocupar uma extensa área do litoral brasileiro indo desde a Serra do Mar do Rio Grande do Sul até a Bahia. Os vestígios deixados por eles consistem nos inúmeros montes que chamamos de sambaquis que foram construídos por eles com os restos alimentares, os adornos, conchas, ferramentas, etc. Tanto em planícies quanto nas encostas, na areia ou nas rochas. Essa tradição surgiu nestes ambientes pelo fato de existirem ali variedades de frutos do mar e peixes que compunham a dieta alimentar deste grupo.

Após essa primeira leva populacional como nos mostra Noeli, (1999-2000) temos uma segunda leva populacional, as populações ceramistas agricultoras, que

consistem nas tradições Guarani, Xetá, Kaigang e Xokleng temos a presença no Paraná datando por volta de 2500 anos atrás.

Os Guarani conforme ressalta Mota, (2012) são dentre estes povos os mais conhecidos tanto na arqueologia, como na história, antropologia e linguística. As características dessa tradição se dá pelo fato de terem ocupado os vales e as terras adjacentes de quase todos os grandes rios e seus afluentes. Grande parte dos sítios arqueológicos dessa tradição estão em áreas que ficam cobertas por florestas onde se segue o padrão estabelecido entre as aldeias e as plantações nas clareiras das matas. Essa tradição ocupava novas áreas mas não abandonava as antigas pois os grupos se dividiam devido ao crescimento demográfico e ia então habitar as áreas que estavam próximas. Eles ainda levavam consigo além da sua cultura material as diversas espécies de vegetais tanto para remédios, alimentação quanto para as matérias primas entre outras, fator este que contribuiu para a biodiversidade brasileira. As aldeias possuíam diversos tamanhos elas comportavam até mil pessoas que estavam organizadas socialmente a parentescos e alianças políticas, cada aldeia podia ter até oito casas que eram construídas de madeira e folas palmácea e que abrigavam até 400 pessoas podendo ter de altura até 8 metros e comprimento 40. Sua cultura material era diversificada confeccionavam centenas milhares de objetos feitos desde ossos, madeiras, palhas, conchas até vasilhas cerâmicas, ferramentas de pedra etc. Acontece que alguns materiais se deterioraram com o tempo e sobreviveu dessa tradição apenas as vasilhas e as ferramentas de pedra e também materiais feitos com ossos e cochas.

Os Xetá de acordo com Mota e Novak (2008) não tiveram ainda pesquisas profundas sobre os sítios arqueológicos excetuando segundo os autores um pequeno estudo sobre a tecnologia litica e outro sobre a cultura material. Sabe se que houve registros de europeus viajantes sobre esses povos no século XIX e por colonizadores no início do século XX, mas sobre a pré-história dessa tradição pouco se sabe ainda. Existem também os descendentes destes povos que de acordo com os autores somam cerca de 100 pessoas dessa tradição Xetá.

Os Kaigang, como diz Mota e Novak, (2008) tem na bibliografia arqueológica a denominação Tradição Casa de Pedra, se conhece muito pouco sobre os antecedentes pré-históricos desses povos apesar da vasta bibliografia e documentos

sobre eles.

Os estudos da Arqueologia e Linguística sobre eles mostram que a região central do Brasil como seu local de origem, estes ocuparam as áreas da Região Sul, São Paulo e também outros países. Não se tem datas mais antigas que a dos Guarani mas é provável que os Kaingang e os Xokleng foram os primeiros a chegarem no Paraná (MOTA, 2011).

Com a chegada dos povos Guarani os Kaingang foram empurrados ao centro-sul do Estado e os Xokleng para os contrafortes da Serra Geral próximo ao litoral.

Os Xokleng segundo Mota, (2012) também são conhecidos como tradição Itararé na arqueologia, tem-se uma volumosa bibliografia sobre essa tradição não se tem muitas informações sobre a pré-história desses povos. Sabe-se que as aldeias dessa tradição eram pequenas geralmente e no interior das florestas, elas abrigavam poucos habitantes e que também podiam se abrigar em rochas e casas subterrâneas. Eles fabricavam vasilhas cerâmicas que se assemelhavam a da tradição Kaingang dificultando as vezes as pesquisas atuais para identificar suas diferenças.

Boa parte dessas pesquisas e seus resultados foram possíveis graças ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) que até a década de 90, segundo Noelli, (1999-2000) teve por objetivo realizar estudos arqueológicos históricos classificatórios ou culturais tinha-se o objetivo com este programa que era desenvolvido a nível federal e que a Universidade Federal do Paraná participava o intuito de encontrar os sítios arqueológicos, localizar os artefatos e extraí-los, mesmo esta pesquisa não sendo muito profunda ela identificou sítios arqueológicos em todo o Brasil incluindo o Paraná, porém o que faltava e que se desencadeou nos anos 90 foi uma arqueologia processual que tinha por objetivo realizar debates com outras áreas do conhecimento neste caso a história e então os achados passaram a ser problematizados e estudados e deixaram de ser simples artefatos cuja a história não era contada e começou a ser objeto de estudos históricos das tradições que habitaram o Paraná antes da chegada da terceira leva populacional os europeus.

Colocada estas questões nos resta agora discutir sobre como trabalhar com esta temática nas salas de aulas, pois como se trata de um período histórico onde os objetos de estudos não deixaram fontes escritas documentais, precisamos então,

utilizar outros recursos para que os alunos possam ter uma melhor compreensão e assimilação dos conteúdos. E seguindo esta perspectiva, buscamos o embasamento teórico na Escola de Annales, que se preocupa com os novos problemas, abordagens e objetos da história. A arqueologia, portanto, passa a ter um espaço nas formas de abordagem da história e com isso a cultura material¹ ganha um espaço que antes era quase que exclusivo das fontes documentais (escritas). Mas qual o sentido de se trabalhar com cultura material dentro da história do Paraná, de acordo com Rodrigues, Simão e Mota, (2012):

Trabalhar com objetos e artefatos da cultura material ganha sentido quando nos damos conta de que grande parte do território que compõe as terras do Estado do Paraná está repleta de material lítico e cerâmico sob o solo, formando os sítios arqueológicos. (RODRIGUES; SIMÃO; MOTA, 2012, p. 134).

Ainda de acordo com Rodrigues, Simão e Mota, (2012):

Aprender história deve possibilitar ao aluno superar uma dimensão meramente individual do mundo, inserindo-se em uma perspectiva coletiva e universal...é necessário que professores e alunos observem e trabalhem com os dados da observação, sistematizem esses dados, indo além da mera constatação, aprendendo as condições objetivas de vida, utilizando os dados teóricos de situações vividas por outros homens, em outros tempos e em outros lugares, ou seja, problematizem a situação que está sendo estudada. (RODRIGUES; SIMÃO; MOTA, 2012, p. 138).

A utilização do recurso da cultura material de acordo com Rodrigues, Simão e Mota, (2012) tem o papel de desempenhar a fonte para investigação histórica além de ser um recurso didático riquíssimo onde o aluno passa a atuar em sua formação e sua interação com o passado e o presente.

...o uso da cultura material, com seus objetos, utensílios ou artefatos, além de desempenhar o papel de fonte para investigação histórica, torna-se também um valioso recurso didático que passa a atuar na formação do pensamento histórico como mediador da interação passado-presente. (RODRIGUES; SIMÃO; MOTA, 2012, p. 138).

Portanto a forma como o professor pode trabalhar esta temática com os alunos utilizando este recurso é muito diversificada como cita Rodrigues, Simão e Mota, (2012):

1 Pesez, (1998).

Assim, o professor, ao usar os objetos ou utensílios da cultura material, deve provocar situações que possibilitem questionamentos e problematização em relação ao conteúdo e ao material que está sendo estudado, encorajando os estudantes a investigação sobre o modo de vida do grupo ou sociedade que fabricou tais objetos, partindo de perguntas, como por exemplo: desde quando se tem notícias desse grupo, onde vivia, como era sua organização social, política e cosmológica, como era a economia praticada pelo grupo, de que matérias primas os objetos foram confeccionados, que ferramentas foram utilizadas na fabricação do objeto, qual o tempo gasto na fabricação do objeto, que utilidade os objetos tinham etc.(RODRIGUES; SIMÃO; MOTA, 2012, p. 139).

Por fim, finalizamos este trabalho reforçando a proposta do Ensino de História do Paraná nas escolas estaduais com a temática da Pré-história do Paraná que foi trabalhada dentro do Pibid no Colégio Estadual Antônio Diniz Pereira oportunizando aos alunos um conhecimento acerca da história do seu Estado e que deixa de ser trabalhado nas salas de aulas por conta da redução da carga horária que sofreu a disciplina de História, mas que está previsto na Lei 13.381/01 que torna obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual, os conteúdos de História do Paraná, essa demanda não consegue ser cumprida, causando aos alunos a carência de tais conteúdos. E que pode ser suprida no formato de aulas em períodos contraturno possibilitando aos alunos além da forma tradicional de ensino a utilização de recursos que possam atrair a curiosidade, e despertar o interesse do aluno nas aulas de História.

Referências:

LIMA, Tania Andrade. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do centro-sul do Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.44, p. 270-327. dezembro/fevereiro 1999-2000.

MOTA, Lúcio Tadeu. A ocupação humana dos territórios entre os rios Paranapanema e Iguaçu até a chegada dos europeus, em 1500. In: MOTA, Lúcio Tadeu (Org.). **História do Paraná: pré-história, colônia e império**. Maringá: Eduem, 2011. p. 15-34.

MOTA, Lúcio Tadeu. A ocupação humana dos territórios do Paraná até a chegada

das populações europeias em 1500. In: **História do Paraná**: relações sócio-culturais da pré-história à economia cafeeira. Maringá: Eduem, 2012. p. 15-34.

MOTA, Lúcio Tadeu; NOVAK, Éder da Silva. A presença das populações indígenas no vale do rio Ivaí: da pré-história à chegada dos europeus. In: MOTA, Lúcio Tadeu; NOVAK, Éder da Silva. **Os Kaingang do vale do rio Ivaí**: história e relações interculturais. Maringá: Eduem, 2008. p. 17-35.

NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. **Revista USP**, São Paulo, n.44, p. 218-269. dezembro/fevereiro 1999-2000.

PESEZ, Jean-Marie. História da cultura material. In: LE GOFF, Jacques. **A História nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 180-185.

RODRIGUES, Isabel Cristina; MOTA, Lúcio Tadeu; SIMÃO, Ana Paula. Ensino de história e cultura material. In: AMARO, Hudson Siqueira; RODRIGUES, Isabel Cristina (Orgs.). **História**: metodologia do ensino. 2ª ed. rev. Ampl. Maringá: Eduem, 2013. p. 129-144.